

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: PERFIL DA NOTIFICAÇÕES EM UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO CEARA

Aparecido Daniel Lino da Silva¹ 2017danielsegundo@gmail.com; Gabriel Fernandes Pereira²; Grayce Alencar Albuquerque³; Laríssia Cândido Cardoso⁴; Pedro Yan Alexandre Barbosa Kennedy⁵; Sáskya Jorgeanne Barros Bezerra⁶; Maria do Socorro Neta Gerônimo⁷.

A violência contra a mulher ocupa o cenário das violações dos direitos humanos em todo o mundo, não sendo mais entendida não como um problema de ordem privada ou individual, mas como um fenômeno de responsabilidade da sociedade. Esse estudo objetiva analisar o perfil de mulheres que sofreram violência em um município do interior. Trata-se de um estudo quantitativo, no qual foram analisados os dados de 61 casos, coletados no ano de 2017 no município de Barbalha, Ceará. Os dados foram coletados por meio de um check list pelo Observatório da violência, tabulados em frequência absolutas e relativas a luz da literatura pertinente. A pesquisa tem aprovação ética. Dentre as vítimas, no que se refere à idade o predomínio era jovens (31) com 18 a 29 anos e adultas (14) com 30 a 59 anos. Quanto à raça/etnia dessas mulheres, pouco registro se tem desta informação, sendo a maioria ignorada (42). Em relação à situação conjugal, 24 registros não apresentavam a informação, estando em segundo lugar as solteiras (18). Com relação ao vínculo com o agressor predominantemente estavam o ex-cônjuge (18) e o cônjuge atual (16). O local da agressão em sua maioria foi o domicílio (47). Em referência ao motivo da violência, estava o sexismo (22) e o conflito geracional (24). O tipo de violência predominante foi a física (35) e ameaças (13). Diante do exposto, verifica-se a importância de se conhecer as particularidades da violência que atinge este público, sendo necessário ter um olhar crítico para implementação de ações como instrumento para auxiliar no combate e diminuição dessas violações.

Palavras-chaves: Violência contra a mulher; Proteção; Combate.

¹Discente do curso de Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri, bolsista pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE), membro do GPESGDI.

²Discente do Curso de enfermagem pela Universidade regional do cariri, bolsista pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP), membro do GPESGDI.

³ Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde (Área de Concentração em Saúde Coletiva) pela FMABC. Professora Permanente do Mestrado Acadêmico de Enfermagem da Universidade Regional do Cariri - URCA e do Mestrado Profissional da RENASF – URCA. Professora Assistente do Curso de Enfermagem da Universidade Regional do Cariri – URCA. Coordenadora do Observatório da Violência e Direitos Humanos do Cariri – URCA. Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão (GPESGDI). Tutora do PET Enfermagem URCA.

⁴Discente do curso de Direito pela Universidade Regional do Cariri, bolsista pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), membro do GPESGDI.

⁵Discente do curso de Direito pela Universidade Regional do Cariri, bolsista pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE), membro do GPESGDI.

⁶Discente do curso de Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri, bolsista pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), membro do GPESGDI.

⁷Discente do curso de Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri, bolsista pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), membro do GPESGDI